



Cacique Pequena
Liderança do povo Jenipapo-Kanindé

Lenda da Encantada: a liderança Jenipapo-Kanindé é meio mulher, meio mito

Maria de Lourdes Conceição Alves não existe. No lugar dela, Pequena se faz. Mulher, indígena, mãe, cacique e política: Pequena é nome que carrega atributos muitos de todo um povo Ceará afora. Assim, Cabeludos da Encantada ou Jenipapo-Kanindé são denominações que servem para caracterizar a tribo indígena do município de Aquiraz, a qual lidera, mas também para reforçar a identidade dela mesma, que, de tão intrínseca ao meio, se confunde com o ser em essência “cabeludo-jenipapo”.

Os longos fios de cabelo que marcaram a formação da aldeia outrora permanecem em Pequena. Presos para a entrevista, soltos para as fotografias. Não havia cocar como ornamento, mas presentes se fizeram o status e a força definidores da condição de cacique.

A pele é cor de terra, como se tivesse brotado dali, debaixo de nós. Aquela terra batida ainda é úmida do suor derramado pela cacique para conquistá-la. Tanto falou da relação dos indígenas com a natureza que fez acreditar ter nascido do fundo da Lagoa da Encantada, do pé de fruta ou da terra molhada, como já foi dito. Pequena sopra e sopra palavras, faz ventania forte com as experiências dos 70 anos vividos.

É com a voz de sussurro de vento que entoa os cânticos de própria autoria. As letras simples resumem, sem nenhuma falta, o modo de vida indígena. É paz, é natureza, é gratidão que se dissipam no ar. A cacique se orgulha das composições, exalta o CD de 16 faixas lançado em 2014 e, com o poder que exerce naquele espaço, nos faz de plateia. Quem enche o olho d'água é ela, quando percebe que o recado foi dado.

A distância da aldeia na primeira década de vida não a fez desconhecer de onde veio. Raíz bem fincada, ramificada até o núcleo interno da Terra, mantém em pé Pequena e sua luta, Pequena e seu povo.

A cacique parece não saber formalmente o que é feminismo, mas luta pela causa des-

de que assumiu a função. Mulher não serve só para cama e fogão, pode construir política; quem garante é Pequena, que mudou de opinião quando se viu obrigada a liderar a aldeia. A partir de então, as mulheres Jenipapo-Kanindé se reconhecem de maneira diferenciada. A igualdade tão almejada pelos não-índios se tornou comum na tribo. Mais desenvolvidos? Não se sabe. Mais humanos, com certeza.

Quando foi pedido para Pequena definir a maior e principal característica dela, não soube responder. Andou por meio mundo de palavra falada, mas deixou ao cargo da nossa imaginação uma resposta concreta. Quem disse que é necessário ouvir da boca da cacique se a gente lê nas entrelinhas? Pequena é índia; uma cultura inteira personificada. Pequena é mãe de filho que nem saiu da barriga, mas brotou da terra, ao passo dela mesma.

Mulher de muitas influências religiosas, entrega a existência ao Pai Tupã e preza a família. O cuidado com o “sangue do seu sangue” aponta o valor que dá aos laços familiares. Toda fé e amor direcionados ao céu e à aldeia, respectivamente nesta ordem.

Da aldeia, exhibe a tradição. O que de tão importante nove alunos de Jornalismo estariam fazendo em Aquiraz numa tarde quente de quinta-feira se não fosse o tesouro cultural e humanístico escondido por trás do sorriso de Pequena? Ela sabe que estamos à procura de algo que não encontramos “lá fora”. Não fomos os primeiros nem seremos os últimos a buscar a preciosidade relatada pela cacique. E ela gosta disso.

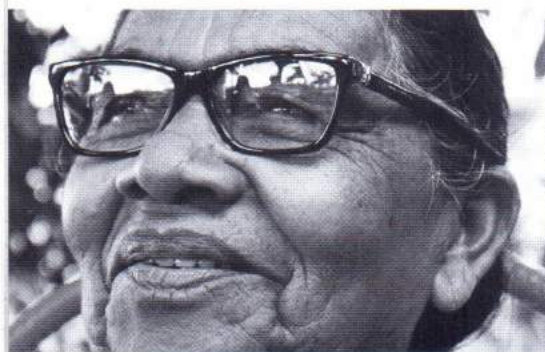
As páginas seguintes são carregadas de pureza e valor simbólico. Coerência e coesão podem ficar de fora e não fazem falta. Nas duas horas de entrevista, Pequena perguntou várias vezes se estava contando “o certo”. Errado não era. A beleza fica no folhear, passando pela história da cacique que parece uma lenda, mas, na verdade, é vida real.

Equipe de Produção:
Lucas Barbosa
Ronaldo Salgado

Entrevistadores:
Ana Beatriz Farias
Camila Freitas Soares
Felipe Autran
Giulianne Batista
Igor Cavalcante
Larissa Wenya
Letícia Alves
Lucas Barbosa
Messias Borges

Texto de abertura:
Giulianne Batista

Fotografia:
Liana Dodt



Entrevista com cacique Pequena, dia 28 de maio de 2015.

Lucas – Pequena, durante a produção da entrevista, perguntamos (a equipe de produção, Lucas Barbosa e Ronaldo Salgado) qual característica a senhora achava mais marcante em si. A senhora não soube responder e ficou de nos dar a resposta hoje...

Pequena – Ai, foi? (risos)

Lucas – Hoje, a senhora já é capaz de nos mostrar essa principal característica?

Pequena – Ai você me pegou...

Lucas – Como a senhora é hoje? Se a senhora pudesse definir-se em uma palavra...

Pequena – A minha vida foi muito sofrida, não nego pra ninguém. Mas, hoje, eu tenho uma vida mais regular. Não é porque eu tenha me tornado cacique. É que, hoje, as coisas são totalmente diferentes de outrora. Antigamente, era uma vida; hoje é outra. E eu fui uma pessoa que sempre gostei de viver o normal que todo mundo vive.

Eu fui uma pessoa que só vivi o passado e o presente; o passado era uma coisa, o presente é outra. No meu período de *infância* (infância) foi muito diferente de hoje. Não vi o mundo por 11 anos. Eu acho que é uma grande tristeza na vida de uma pessoa, viver 11 anos sem ver o mundo, sem ver a luz do Sol. Só vendo por *apalpo*. Só o *apalpo* e as *oiças* (ouvidos). Com 12 anos eu vi a luz do Sol. Para mim, foi uma grande alegria!

E eu me tornei uma mulher, né? Eu me tornei uma mãe. Com quatro anos (*podendo ver*), eu me casei, passei a ser mãe, sou mãe de 16 filhos – não nego pra ninguém. E depois dessa convivência de família grande, eu passei a ser cacique, né? Porque o cacique (*Odorico*) morreu (em 1992), eu tomei de conta da carga – posso dizer assim –, da causa, da luta do povão. E eu fiquei lutando até hoje. Passei por altos e baixos, mesmo sendo cacique. Mas, hoje, eu estou aqui, posso dizer que tenho uma vida normal, todo mundo me reconhece como cacique Pequena, todo mundo me respeita... Não sei se tô dando a resposta pra vocês certa...

Lucas – (A resposta da) pergunta é sempre do jeito que a senhora acha, é sempre o que a senhora tá pensando. Pequena, o seu filho João, também numa pré-entrevista, definiu-a como “guerreira”. A senhora concorda com essa definição?

Pequena – Essa história de guerreira não é só ele quem me define assim. Na hora que

eu recebi a missão de ser cacique (em 1995), que estive no meio de vários homens, em Brasília, em Minas Gerais (em assembleias), e eles (homens, lideranças indígenas presentes em uma assembleia ocorrida em Minas Gerais) disseram que nós mulheres só servíamos pra cama e pé de fogão... (Quando eles disseram isso) Eu me senti lá embaixo. Então, meu Deus, se mulher só serve pra cama e pé de fogão por que o meu povo me elegeu pra ser cacique? Porque uma cacique é uma grande pessoa. Por que me elegeram, pra eu passar por toda essa dificuldade na minha vida?

Quando eu levantei a voz (começou a discursar) e eles viram que era uma cacique mulher, eles só não me comeram porque não foi possível. Na língua deles, porque eu não entendia, pode até ser que eles tenham me esculhambado. Lá, eu me senti no chão... Porque eu tinha saído daqui, tendo sido eleita pelo meu povo, e lá eu ser discriminada é muito difícil. Não queriam aceitar aquela mulher com eles...

Eu pedi a fala na mesa e disse que a mulher não tinha vindo ao mundo só pra cama e pé de fogão. A mulher tinha vindo ao mundo também pra criar os objetivos dela, ser alguém na vida e encostar ‘o ombro no ombro do homem’ e ter uma vida normal, ser uma pessoa também de respeito, ter também categoria na vida, não ser só isolada.

Depois, eu entendi que nós mulheres – isso tanto faz ser índia ou branca (não-índias) – não somos aquelas pessoas tão desfiguradas como o homem machista acha que somos. Porque existe muito homem que apoia as mulheres, mas existem muitos que não apoiam. Existem muitos homens ainda no mundo que querem ser muito machão e (para elas) a mulher não é nada – mesmo hoje vendo a vida que a mulher vive: trabalhando, fazendo por onde serem independentes. Porque a mulher, hoje, a maioria, não é mais dependente do marido, nem de pai, nem de mãe: elas são dependentes de si próprias. Elas trabalham de forma que façam com que elas possam chegar a encontrar a solução delas para viver a vida que elas querem viver. E antes não era assim.

Porque o modo que os índios falaram, eles achavam que nós mulheres não éramos suficientes pra pegar os trabalhos que eles tra-

A sugestão de Pequena para a entrevista partiu de Larissa. Ela havia feito uma matéria sobre a cacique para a disciplina de Jornalismo Impresso I, em 2014, e muito havia se impressionado com a mulher.

Messias também esteve com Larissa na feitura da matéria sobre Pequena, na disciplina Jornalismo Impresso I em 2014, e endossou a sugestão de entrevista.

Como no semestre 2015.1 a turma de Laboratório de Jornalismo Impresso contou com o número ímpar de nove alunos, faltaria um nome em uma equipe de produção das matérias. Lucas foi quem acabou sozinho.

balhavam, as lutas deles – isso tanto índios como não-índios. E eu mostrei *pra* eles que nós mulheres também temos a capacidade de ser alguém na vida e de viver com os mesmos objetivos deles. A mulher (*tem a capacidade de*) ser uma pessoa da alta sociedade, de ser uma pessoa guerreira, de ser uma pessoa ativa, esperta, de ser uma pessoa atenta e lembrar o modo de ela viver sem ela viver só, isolada. A mulher também pode ser uma pessoa da sociedade.

Eles falaram (*líderanças indígenas presentes em uma assembleia ocorrida em Minas Gerais*) que a mulher era como se fosse um vaso – quando eu falo vaso, é como se a mulher fosse uma pessoa que não tivesse validade. E não é isso, nós mulheres não somos assim. Nós mulheres temos as nossas atitudes, nossas experiências.

Mas eu fui e fiquei todos os dias, fui para Brasília, marchei com eles três dias no sol quente de meio-dia, pés descalços no asfalto... Foi na luta pela aprovação do Estatuto do Índio – que até hoje não foi aprovado. Passei 19 dias nessa bolada, cheguei depois de 22 dias, porque fui e voltei de ônibus.

Lucas – Então, na sua vivência de 70 anos, ser uma mulher cacique foi a principal dificuldade da sua vida?

Pequena – Foi uma dificuldade porque não existia mulher cacique. E eu fui a primeira mulher cacique, da primeira capital do Ceará (*Aquiraz*) e do Brasil (*não há dados que comprovam isso, apenas há certeza de que ela foi a primeira do Ceará*). Eu fui essa pessoa: uma pessoa humilde, pobre, sem ter validade para os homens – como eles disseram, mulher só servia *pra* cama e pé de fogão.

Giulianne – Então, a senhora provou que a mulher também pode ser cacique...

Pequena – (*Interrompendo*) Por isso que eu disse, que nós, mulheres, não devemos baixar a cabeça *pra* nenhum homem. É marido? É. “Você não quer ganhar o dinheiro no final do mês?” “Quero”. “Pois eu quero também”. Nunca a gente deve ser, minha filha, dependente de ninguém: deve ser dependente de si própria. A todo mundo que vem aqui eu dou esse conselho. Não dou conselho *pro* mal. Porque a mulher não é obrigada, porque ela vai trabalhar lá fora, a esquecer do marido.

Messias – Pequena, a senhora disse que estranhou quando foi nomeada cacique. Mas pensou em recusar?

Pequena – Eu recusei três vezes. Eu disse que não, que não, que não, que eu era uma mulher e não um homem. Como é que eu ia lá fora representar um povo se eu era uma mulher?

Igor – Quando foi que a senhora aprendeu

que a mulher pode, sim, representar politicamente uma aldeia ou seja lá o que for?

Pequena – Bom, meu filho, eu aprendi comigo mesma. Eu aprendi com a fraqueza que eu via do lugar (*aldeia Jenipapo-Kanindé*), onde todo mundo “passava necessidade”. Aprendi sem precisar de ninguém – só Ele, aquele lá de cima. Aquele lá de cima é tudo na minha vida; eu não troco ele por nada! Aquele é meu braço forte: Aquele é meu pai, Aquele é meu irmão, Aquele é meu amigo, Aquele é tudo *pra* mim, eu sem Ele não sou nada!

Larissa – O que a fez perceber que, sim, a mulher pode ser atuante? Foi a vivência na tribo ou foi realmente essa sua luta?

Pequena – Foi a luta (*indigenista*). Desde que eu comecei a lutar, em 1984, eu venho percebendo que a mulher não é aquele entulho. A luta fez com que eu despertasse e abrisse a mente tanto das outras índias na aldeia, quando das outras que moram em outras aldeias – e também de vocês, não-índias. A mulher não é lixo!

Larissa – E a senhora acha que essa sua visão influenciou no modo como a comunidade Jenipapo-Kanindé encara o papel da mulher?

Pequena – Com certeza! Não é à toa que (*na aldeia*) tem professora indígena, não é à toa que tem diretora indígena no colégio, auxiliar de enfermagem indígena, duas ou três moças trabalhando no Cras (*Centro de Referência de Assistência Social*) como auxiliares da assistência social. Não é à toa que tem esse povo já, que entende da lei, entende de educação e está trabalhando (*com essa perspectiva*).

Messias – Pequena, como a senhora educou e ainda educa suas filhas e netas para se

“Porque o modo que os índios falaram, eles achavam que nós mulheres não éramos suficientes pra pegar os trabalhos que eles trabalhavam, as lutas deles.”

Para equilibrar o número na equipe de produção, o professor Ronaldo compôs a dupla ao lado de Lucas. “Na estranha tarefa de avaliar e ajudar ao mesmo tempo”, como pontuava Ronaldo.

“E eu mostrei pra eles que nós mulheres também temos a capacidade de ser alguém na vida e de viver com os mesmos objetivos deles.”

tornarem mulheres guerreiras e independentes como a senhora?

Pequena – Isso é muito fácil. A gente se senta, faz roda de conversa e eu passo tudo que eu sei. Falo que elas sejam fortes, pessoas firmes, que não temam nada, porque é assim que a gente vive. E elas aprendem o que eu aprendi.

Eu queria que vocês tirassem um dia pra conversar com a minha filha Juliana (*também liderança indígena, tendo substituído a mãe no cacicado de 2010 a 2014, quando Pequena abdicou do cargo por motivos de saúde*) que ia descer água dos olhos de vocês. E, hoje, ela é o que é por causa de quem? Conversem com ela que ela explica tudo, que hoje tá onde tá porque possuiu uma mãe que a ensinou a viver no mundo - ela sempre diz isso. Quando ela vai discursar, ela diz: “Eu tô onde tô porque comecei a caminhar (*acompanhar*

Pequena nas lutas indigenistas) com a minha mãe, quando tinha nove anos de idade”.

Giulianne – Cacique, a tribo Jenipapo-Kanindé só teve contato com não-indígenas a partir de 1980. Qual a sua lembrança dessa época, dos primeiros contatos, o que a senhora carrega de aprendizado?

Pequena – Antes nós éramos uma coisa totalmente diferente. Nós éramos bem rústicos, bem caracterizados mesmo como índios. Aqui, onde hoje estamos sentados (*hall da casa de Pequena*), era mata virgem. Era um povo que não tinha roupas de pano, sapato, chinelo, relógio. Única roupa de pano que usávamos era de saco de estopa. (*Alguém pode perguntar:*) “Talvez por que fosse pobre demais?” Não, não era isso. Era o modo de a gente viver. Do jeito que desse na cabeça da gente, a gente vivia, porque não havia contato com ninguém de fora (*da*



O contato com Pequena foi bastante difícil, pois ela não possui celular ou telefone fixo. A mediação entre a equipe de produção e a entrevistada foi feita ou pela filha Juliana, ou com os atendentes do posto de saúde Jenipapo-Kanindé.

Para a produção desta entrevista, o livro *Mulheres da Encantada*, de Bárbara Rocha, foi de extrema importância. Na obra, Bárbara traça um perfil de três mulheres da aldeia Jenipapo-Kanindé: Pequena, Juliana e Raquel — avó, filha e neta.

Durante a feitura da produção desta entrevista, *Mulheres da Encantada* conquistou uma das quatro vagas para apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Congresso da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), em julho passado.

aldeia). Até os anos 1980 nós não tínhamos contato, de chegar gente na nossa casa, assim que nem vocês (*equipe de Entrevista*) e conversar com nós. Da era de 80 *pra cá*, começou o contato mais forte (*frequente*) e – posso dizer assim – eles (*equipe de pesquisadores da Universidade Estadual do Ceará*) “descobriram” os índios.

Por que nós vivíamos guardadinhos, não abríamos a boca *pra* dizer que era índio? Nós tínhamos medo do massacre que tinha havido 500 anos atrás. Nós não tínhamos como falar que éramos índios. Nós éramos um povo: o povo Cabeludos da Lagoa Encantada (*forma pela qual o povo Jenipapo-Kanindé se autodenominava antes da década de 1980*). Isso eu não nego *pra* ninguém. Depois dos estudos deles (*os pesquisadores*) foi que apareceram esses quatro povos (*que constituem as bases genealógicas*

chama os antepassados indígenas), nos massacrariam também. E, por essa razão, ninguém se identificava como índio. Por essa razão, vivíamos escondidos aqui e ninguém nos conhecia.

Em Pindoretama (*município cearense vizinho a Aquiraz*), no Iguape (*localidade de Aquiraz*), muitas pessoas conheciam e sabiam que nós éramos índios, por sermos um povo diferente (*dos moradores dessas regiões*). Pela nossa fisionomia, pelo nosso modo de andar, pelo modo de viver, eles sabiam que nós éramos um povo diferente.

Igor – Dona Pequena, o que a senhora vê de positivo e de negativo - nesses 30, 40 anos - de contato regular com o não-índio? A senhora lamenta ter havido esse contato?

Pequena – Nós (*povo Jenipapo-Kanindé*) vivíamos em um paraíso, que nem Adão e Eva. Quando esse povo (*os pesquisadores*)



dos Jenipapo-Kanindé): Payaku, Tapuia (*classificação usada para delimitar os índios não falantes do Tupi*), Jenipapo e Kanindé.

Nós éramos um povo tão escondido, já que não tínhamos contato com ninguém, que nós não sabíamos recepcionar ninguém. Quando o povo (*os pesquisadores*) chegava à nossa casa, a gente corria e se escondia. As crianças corriam *pra* mata.

Messias – Cacique Pequena, qual era a percepção que a senhora tinha do homem branco – como costuma falar – antes desse contato com os pesquisadores e depois, como era a relação nos anos seguintes?

Pequena – A gente pensava muita coisa – não só eu, a maioria do povo pensava (*assim*). (*Pensávamos*) que o não-índio, como já tinha massacrado muito os nossos troncos velhos (*forma como Pequena*

chegou à nossa aldeia para fazer esse estudo, éramos um povo que não tinha conhecimento de nada e, depois que eles vieram, tivemos de conhecer a verdade que tinha de vir pras nossas mãos. Qual era a verdade? Que nós éramos um pessoal escondido e tínhamos de ser conhecidos por todos - e foi o que aconteceu.

Quando esse povo saiu, após o trabalho de quatro anos (*de pesquisa*), veio um rapaz chamado Cordeiro (*José Cordeiro, advogado e ativista pelos Direitos Humanos*), mandado pelo cardeal Dom Aloísio Lorscheider (*à época, Arcebispo de Fortaleza; faleceu em 2007*), nos conhecer e saber da nossa vida. E ele (*José Cordeiro*) disse: “Vocês (*povo Jenipapo-Kanindé*) se unam, façam com que ninguém bote vocês daqui *pra* fora”. Porque a especulação vai ser grande”. E foi dito e feito.

No dia em que foi suspensa a aula, a fim de que os alunos colhessem uma pré-entrevista, Lucas não pôde ir. A pré-entrevista só seria feita no dia 17 de maio, somente 11 dias antes da entrevista.

Larissa – Então, a senhora acha que, a partir desses estudos, o povo teve maior consciência para assumir essa identidade indígena?

Pequena – Nós sabíamos que éramos esse povo, que nós éramos índios. Nós não podíamos era abrir a boca e dizer: “Somos índios”. A partir desses estudos, contamos com uma força maior, da Igreja (católica), através da Pastoral Indigenista (órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil destinado à causa indígena). Nós éramos um pessoal que não tinha a força de ninguém, era só a nossa força. E aquela força que nós tínhamos não era suficiente pra dizer: “Nós somos índios e ninguém nos bota daqui pra fora”.

A especulação (sobre nossas terras) já estava muito grande. Tanto que nós estávamos em um pouco de aldeia, não era (um espaço) tão grande quanto hoje nós

Dilma (Rousseff, PT, 2010 aos dias atuais) – que hoje é uma pessoa muito carrasca pro Brasil, a gente tá vendo o que ele está fazendo pela televisão – foi a demarcação da terra. A terra é delimitada, é reconhecida e é demarcada.

Messias – Cacique Pequena, mas houve algum traço dessa cultura indígena que vocês tinham que foi perdido nesse contato com o não-índio?

Pequena – Não, de jeito nenhum! De forma nenhuma! O que a gente perdeu é: antes a gente andava de um jeito; hoje, a gente anda de outro. Hoje, a coisa é diferente, filho: um índio não pode viver como ele vivia antes. Você já pensou se chegassem aqui na minha casa e me vissem nua, que nem até a década de 1980 se vivia? Homens e mulheres (nus); a roupa deles era a pele. Não precisava de roupa. O que se ia dizer? “O que essa mulher

No dia 17, então, Lucas e Ronaldo foram à Lagoa da Encantada, onde se localiza a aldeia Jenipapo-Kanindé, no município de Aquiraz, a cerca de 40 quilômetros de Fortaleza. Era um sábado e eles saíram às 13 horas, no carro de Ronaldo.



temos. A aldeia era pequena e nós tínhamos de nos contentar. Por um lado, estávamos (antes da chegada dos pesquisadores) em um paraíso, mas, por outro, estávamos à beira de um abismo. Mas o abismo se transformou em paraíso novamente, porque, hoje, nós somos reconhecidos oficialmente. Não tem essa história de dizerem: “Ah, ela não é índia, ela não tem nenhum reconhecimento”. Hoje, temos reconhecimento pelos governos. Começou (o processo de reconhecimento) desde o governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB, 1995-2002), com a delimitação de 1.730 hectares de chão. No (governo) Lula (PT, 2003-2010), nós tivemos a terra reconhecida oficialmente. Aqui é uma localidade indígena. Somos índios e a nossa terra é uma terra tradicional do índio trabalhar, morar e viver. E na última foi a (Presidenta)

tá esperando, um bocado de bicho”? Hoje, nós temos de viver igual a vocês (não-índios). Mas não é porque vivemos iguais a vocês que nós vamos dizer que não somos mais índios. Não podemos perder a nossa cultura, a nossa tradição. Continuamos a ser índios e nem a morte tira de nós sermos índios.

Essa cultura a gente não deixa morrer. Nós já temos essa cultura desde a convivência após o nascimento. (É passada) de pai para filho. Porque, (indígenas) vão nascendo e eles vão vendo a convivência que se tem aqui.

A gente gosta muito de fazer fogueira e conversar uns com os outros sobre as coisas do passado, como era a convivência da gente antes – até por eu e outras pessoas sermos guardiãs da memória. Nós trazemos a nossa cultura, as nossas tradições que os nossos troncos velhos deixaram para nós.

Porém, as informações colhidas por Lucas não foram suficientes para que acertassem o endereço. Na estrada da Praia do Iguape, dever-se-ia tomar estrada subsequente a uma torre telefônica. Nessa estrada, haveria placas indicando a aldeia. Não havia.

Houve uma encruzilhada na estrada à esquerda da torre telefônica. E outra, e outra, e outra, e outra... Só depois de cerca de 40min, eles reconheceram estar perdidos e voltaram ao ponto inicial, na torre telefônica.



“Então, meu Deus, se mulher só serve pra cama e pé de fogão por que o meu povo me elegeu pra ser cacique?”

Um costume que a gente perdeu foi do café que a gente tomava antes. Vejam como era o nosso café: era café de manjerioba, uma planta que cresce igual ao café, mas não fica do mesmo tamanho. Ela bota uma semente, que se apanha, lava, bota *pro* sol secar e, quando seca, torra-se no fogo – com rapadura, açúcar ou qualquer coisa doce – e se pisa no pilão. E, aí, se faz aquele pote de café *pra* guardar *pra* ficar tomando, uma semana, duas semanas...

No fogo, *pra* tomar com café, nós tínhamos um panelão de peixe cozido, na panela de barro, e uma cuia de beiju feita no caco (*utensílio para cozinhar*), feita à mão – porque, naquela época, nós não tínhamos talheres, xícaras, copos, pratos de vidro, mesas, cadeiras, não tínhamos nada.

E os pesquisadores pegaram essa nossa cultura para estender mundo afora. Eles nos pegavam comendo isso – de manhã, (*por volta das*) seis horas, sete horas. E eles chegavam fazendo isso por trás, *pra* gente não ver – porque nós não tínhamos hábito de conviver com eles e, quando víamos, os meninos (*bate uma mão na outra*) iam pra dentro do mato. Aquela filmagem que eles estavam fazendo

ficava “vazada”, já que não tava mais todo mundo ali, à mesa – (*que era*) um saco de estopa no chão, ou uma esteira de junco, ou um saco de tabuba. Os pratos eram cuias, folhas de coaçu, de barro – quando tinha. E comíamos com a mão; bebia-se o caldo com folha de cajueiro. Isso era a nossa cultura. Comia-se mandioca assada, comia-se batata assada, jerimum assado, certo? (*Comia-se*) peixe pegado na beira da Lagoa (*da Encantada*), que existia muito. Tudo isso era a cultura da gente aqui. Vivia-se do mel, pegando mel na mata, pra vender, em Pindoretama, no Iguape. Na época, havia muita caça para se comer. Nossa comida era caça e peixe. Por isso, eu *tô* dizendo pra vocês: nós tínhamos um paraíso e depois caímos no abismo.

Giulianne – A senhora nasceu e morou no Riacho (*localidade de Aquiraz próxima à Lagoa da Encantada, onde hoje fica a aldeia*), depois foi pra Mangabeira (*município de Eusébio, também nas proximidades*), mas, depois de um tempo, foi morar na região do Pacoti (*também em Aquiraz*)...

Pequena – Não, é assim... Quem *Ihe* escreveu isso, *Ihe* escreveu errado. Foi você,

Ronaldo e Lucas pegaram à direita na primeira encruzilhada. Para piorar a situação, praticamente não havia casas no caminho percorrido, o que os impedia de sequer informar-se com moradores da região.

não foi? (apontando para Lucas, da equipe de produção da entrevista)

Lucas – Foi (risos).

Pequena – Você não contou a história direito. Meus pais (Maria Joana e João Alfredo) me tiveram no Riacho, no Saco do Marisco (região do Riacho). Minha mãe, quando tinha um filho, outro morria – podia ter a idade que tivesse. E, quando a minha mãe me teve, ela tinha um filho homem de seis anos. Esse menino morreu. Ela se desgostou e foi embora do lugar. Era assim: quando a minha mãe tinha um filho, outro morria, aí, ela saía do lugar e ia peregrinando no meio do mundo, até criar aquele outro. É tanto que minha mãe teve 12 filhos, mas só criou três. Três mulheres, os outros morreram. Eram oito homens e quatro mulheres.

Giulianne – Eles morriam sempre por doença?

Pequena – Sim, por doença. Naquela época, nós (tribo Jenipapo-Kanindé) não tínhamos, como agora, posto de saúde equipado, com equipe (médica) completa. Naquela época, não tinha nada disso. Naquela época, era uma dificuldade muito grande. A criança adoecia, ela tinha de tomar remédio da mata pra dar na doença. Se desse na doença, a criança escapava e se não desse a criança morria. Às vezes, também, (procurava-se tratamento) através de curadores, benzedores... Se fosse uma coisa que o curador curasse, a criança escapava, se não fosse, morria.

A minha mãe não teve sorte, não sei por quê. Ela se desgostou e foi embora do lugar (Riacho). Aí, meu pai foi embora com ela pra Mangabeira (no município de Eusébio), Mangabeira do Pacoti, Mangabeira de Aquiraz – hoje eu não sei se é do Eusébio, se é do Aquiraz, não sei. Lá, eles moraram três anos. Depois, eles vão à Barra do Pacoti (Aquiraz), onde moraram por cinco anos. E, depois, vão a um lugar bem próximo da maré – a gente saía de casa e era mesmo que tivesse pisando na água. O nome do lugar era Rongó. Lá, eu cresci e, com 16 anos (de idade), vim embora pra cá (Lagoa da Encantada), com meu pai e minha mãe.

Giulianne – Então, a senhora passou a conviver com o restante de seu povo só após 16 anos de idade...

Pequena – Depois de 16 anos, eu voltei pra cá (Lagoa da Encantada), vim morar aqui, fiquei aqui e me casei (com Francisco Alves Pinho, o seu Chiquinho) e ainda hoje estou aqui. Só quando eu voltei, passei a participar dos rituais (tradicionais dos Jenipapo-Kanindé).

Giulianne – E como foi essa reintegração?

Pequena – Ah, foi muito fácil. A pessoa que tem o sangue daquilo ali tem nem dificuldade

de aprender. Eu já enxergava, né?

Igor – A senhora passou um longo período cega, 11 anos. Como foi quando a senhora passou a enxergar?

Pequena – Ah, foi o Céu, foi um céu que se abriu na minha frente. Porque a pessoa ficar 11 anos sem enxergar e com 12 anos (poder) ver o mundo... Porque uma pessoa com 12 anos tá na *infancia*... Ver a luz do Sol, ver tudo... Foi tudo na minha vida... Aquela escuridão saiu da minha vida.

E foi uma coisa (a cura) tão fácil, (a forma) como eu fiquei boa. A minha mãe me deu tudo no mundo: gergelim, mostarda, hortelã, couve... Tudo de remédio que as curandeiras ensinavam ela dava e eu não ficava boa. Certa vez, ela (mãe de Pequena) encontrou uma pessoa – agradeço a Deus essa pessoa, já não é mais viva – que a orientou para que eu tomasse a água da ostra crua. E a gente



De volta à estrada do Iguape, coube, coincidentemente, a um entrevistado na *Revista Entrevista* indicar o caminho certo. Era Dom Giovanni, proprietário da barraca Energia Erótica, entrevistado na edição nº 28 de *Entrevista*.

Dom Giovanni muito ficou feliz com o inesperado encontro com Ronaldo. Chegou-o a convidar para tomar umas cachacas — o que foi recusado. Ele ainda cobraria de Ronaldo novas exemplares de *Entrevista*, a revista que “mudou a minha vida”, conta Giovanni.





Dom Giovanni explicou ser relativamente fácil chegar à Lagoa da Encantada. Bastava, em todas as encruzilhadas, ir à esquerda.



morava quase dentro do rio, no Pacoti, onde havia muitas (ostras). Aí, ela dava pra eu tomar. E, assim, fiquei tomando, por muito tempo – não foi, assim, de uma hora pra outra (a cura). Com muito tempo tomando (água da ostra), eu comecei a ver. E foi assim. Graças a Deus, quem me deu a luz nos meus olhos, foi a água da ostra crua. Depois eu passei a beber a água e a comer a ostra.

Giulianne – Ser cega foi a maior dificuldade na sua vida?

Pequena – Sim, essa foi a maior dificuldade. Não é fácil a pessoa ser cega, ter vontade de ver as coisas e não poder.

Igor – A senhora não nasceu cega, a

senhora ficou cega, não foi isso?

Pequena – Eu acho que não nasci cega, porque, se eu tivesse nascido cega, eu acho que eu não tinha enxergado nunca, né?

Messias – Cacique Pequena, alguma coisa em especial lhe impressionou quando voltou a enxergar?

Pequena – Vixe, meu filho, muita coisa. Não foi alguma coisa, foi tudo. (Risos). Porque uma pessoa que não vê nada quando vê tudo, o que tem de fazer? Agradecer a Deus por aquela rica oportunidade. É uma riqueza a luz dos olhos da gente, gente! Não tem dinheiro no mundo que pague. O que adiantaria eu viver uma vida inteira – vou fazer uma comparação – com pais tão ricos que não tivessem onde botar dinheiro, mas eu viver a vida inteira cega? Que gosto teria? Nenhum, porque eu não estaria vendo nada. Não valeria a pena aquela riqueza. Então, não tem dinheiro no mundo que pague a nossa saúde. É melhor ser pobre e humilde, mas ter saúde, do que viver doente e ser rico demais. Eu agradeço a Deus ter visto a luz do Sol, ter visto tudo, e hoje estar aqui, no meio de vocês, contando o fracasso que foi o começo da minha vida – porque, pra mim, foi um fracasso.

Giulianne – A senhora conhece outros casos de pessoas curadas pela água da ostra?

Pequena – Não. Aqui na aldeia não – nem em canto nenhum. Eu sou a primeira pessoa que foi curada pela água da ostra.

Giulianne – Não tem outro motivo...

“Nunca a gente deve ser, minha filha, dependente de ninguém: deve ser dependente de si própria. A todo mundo que vem aqui eu dou esse conselho.”

A dica não foi 100% eficaz, visto que, em algumas, não se deveria pegar à esquerda — somente se deveria naquelas em que a opção esquerdista fosse uma rua minimamente trafegável.

Pequena – Porque eu tomei tudo no mundo e a única coisa que veio fazer com que eu visse o mundo foi a água da ostra...

Camila – Dessa época que a senhora ainda não enxergava, o que a senhora lembra? Qual lembrança lhe é mais forte daquela época?

Pequena – Era muito triste não enxergar. Você ouvir as pessoas falando: “Oi, Pequena, tudo bom, você tá com saúde?” E eu dizia: “Tô”. (As pessoas diziam): “Você não tá me vendo não?” (Pequena respondia:) “Tô não, se eu tivesse lhe vendo, eu diria”. Aí, elas diziam: “Pois, pegue aqui na minha mão”. Às vezes, (diziam:) “Pegue no meu rosto”. Eu apalpava. (As pessoas perguntavam:) “Você tá me conhecendo?” (Pequena respondia:) “Tô não”. Era muito difícil pra mim. Passei por todo esse processo, mas hoje tô aqui, no meio de vocês (equipe de Entrevista).

Beatriz – A senhora não teve uma infância praticando os ritos indígenas, como a senhora falou. Mas os seus filhos nasceram e criaram-se na Lagoa da Encantada...

Pequena – (Interrompendo) Graças a Deus!

Beatriz – Qual a maior diferença que a senhora vê entre a sua infância e a infância de seus filhos?

Pequena – É uma diferença muito grande, minha *fia*. Diferença de a pessoa passar 11 anos cega *pra* quem nasce com ‘as luzes dos olhinhos’, vendo toda a luminosidade do Céu, do Sol, de tudo... Eles já nasceram nessa cultura (*indígena*), junto com os parentes, todo mundo junto... Eu não tenho nem palavras para descrever pra vocês. Hoje, eles são totalmente diferentes de mim. Porque eu não tive *infancia*. Gente, eu não sei o que foi *infancia*.

Beatriz – Todos os seus filhos mantêm os costumes da tribo?

Pequena – Todos eles mantêm. Quando é no tempo em que a gente faz o festival (Marco Vivo, festa tradicional da tribo), só vendo pra crer...

Felipe – Pequena, o que a senhora aprendeu antes da volta à tribo com os seus pais que tentou passar para os seus filhos?

Pequena – O que eu passei a eles foi: eu não tinha aprendido nada (*das tradições da tribo*) por estar fora do lugar, tinha sido cega por 11 anos, mas, na hora em que eu cheguei à aldeia, eu aprendi todos os ritos, porque sangue é sangue.

Beatriz – Cacique, a senhora é tia do seu marido, por um lado, e prima dele, por outro. Como se deu esse relacionamento entre a senhora e o seu marido? Como vocês se conheceram?

Pequena – Eu o conheci antes mesmo de poder enxergar. “Minha mãe dizia: “Pequena,

tá aqui o Chiquinho, teu primo, meu sobrinho...” Porque minha mãe é irmã do pai dele. Meu sogro era irmão da minha mãe. E o meu pai era tio da minha mãe e irmão da minha vó Gregória. A minha vó por parte de pai, pelo lado da minha mãe, é minha bisavó. Olha como é feito uma salada. Uma salada de várias frutas, cortadas, mexidas e é feito aquele angu. Dá pra entender na cabecinha de vocês? (*Risos*). Foi uma pesquisadora dos Estados Unidos que descobriu tudo isso.

Beatriz – A senhora não sabia?!

Pequena – Não, até aí, eu não sabia. Sabia que era casada como prima, mas como tia não. Essa moça que veio dos Estados Unidos chegou aqui (*aldeia Jenipapo-Kanindé*) meio-dia e saiu era umas 17 horas ou 18 horas já. Só destrinchando, destrinchando, destrinchando... Tinha hora em que eu me levantava, bebia água, tinha hora em que dava vontade de dizer: “Vai-te embora, mulher”. (*Risos*).

Letícia – A senhora falou muito nesse sangue indígena que corre nas suas veias. Mesmo não tendo sido criada dentro da tribo, a senhora nunca deixou ser índia, sempre carregou essa cultura. Eu queria saber da senhora: o que é ser índia?

Pequena – Bom, vou explicar com muita delicadeza pra vocês. O índio é uma pessoa que vem desde os troncos velhos, lá dos



Detalhe: desde a saída da estrada para a Praia do Iguape, todas as vias para se chegar à Lagoa da Encantada são de areia ou terra batida, sem nenhum tipo de sinalização e rodeados pelo mato.

Só após todos esses contratemplos, Ronaldo e Lucas finalmente chegaram para a pré-entrevista com Pequena — já eram por volta das 15 horas.

Ronaldo e Lucas encontraram Pequena em uma rede, deitada bastante confortável. Sim, Pequena teria de sair daquele conforto para atender mais dois (ou um e meio) jornalistas.

calcanhares dos Judas. Meu tataravô é índio, meu bisavô é índio, meu avô é índio, meu pai é índio, minha mãe é índia. (*fala quase sussurrando e pausadamente*) E o que é que eu sou? Índia. Então, é isso. Estou lhe explicando com muita delicadeza: sou índia, com muito orgulho, só tenho a agradecer ao Pai Tupã por ser uma "ponta do galho" dos meus troncos velhos.

Letícia – A senhora já sofreu muito preconceito por trazer esse sangue nas veias?

Pequena – *Vixe*, demais, a gente sofre muito preconceito! Não é fácil não. É que o povo diz que índio não tem valor. Aqueles não-índios que têm raiva dos índios dizem que os índios são preguiçosos, dizem que os índios não prestam, que são uns pobre coitados, desvalidos, que não têm nada na vida... Tudo que é ruim bota em cima dos índios. E muito pelo contrário: nós somos muito ricos. Ricos em sabedoria. *Pra* vocês (*não-índios*) terem a sabedoria que o índio tem, precisam estudar, estudar e estudar e dizer: "Vamos procurar uma tribo pra nós conversarmos com alguém pra nos repassar algum conhecimento". É ou não é verdade? Tem muito não-índio que também têm a sabedoria que o índio tem. É um dom que o Pai Tupã nos dá. Torna-se um professor.

Giulianne – Eu sei que a senhora tem influências, além das tradições indígenas, do catolicismo, mas também é evangélica... Como a senhora define a sua própria fé? Como a senhora enxerga essa crença em um ser maior?

Pequena – Eu nunca perco a fé. Essa fé que eu recebi do Pai-Tupã, eu nunca vou perder. As experiências que os meus pais, meus antepassados me deram antes de ir embora, eu nunca perco. É uma parte que eu tenho dentro da memória. Isso é guardado e nunca vai se acabar essa parte da espiritualidade, isso vai pro resto da vida.

Messias – Cacique Pequena, qual a importância dessa terra (*Lagoa da Encantada*) e da natureza para a tribo Jenipapo-Kanindê?

Pequena – *Vixe*, meu filho... Essa terra é tudo na nossa vida! Tudo na nossa vida é a mãe-terra, a mãe-lagoa... Porque aqui a gente trabalha, aqui a gente mora... E a lagoa (*da Encantada*) – aqui, acolá – ainda tem peixe que a gente pega pra comer... Eu não tenho nem palavras; isso aqui é tudo na nossa vida, nós sem essa terra não somos nada. Eu gravei uma música da história da mãe-terra – quando acabar a entrevista eu vou cantar pra vocês ouvirem.

Messias – Pequena, pois é, você também é uma compositora de músicas, tendo,

inclusive, gravado um CD, do qual você fala com muito orgulho. De onde surgiu a inspiração para compor? E qual a importância do CD para você?

Pequena – Esse CD é muito importante porque uma pessoa índia ter tido esse dom (*oportunidade*) de gravar um CD de 16 músicas – onde tem música indígena, tem música lenta, tem música *chamegada* (*romântica*) – músicas compostas por mim mesma.

Larissa – E no que a senhora se inspira para criar as letras do CD que a senhora gravou?

Pequena – Ah, a gente sobe no morro (*duna*), a gente respira o ar da natureza, aí vem muita coisa na mente da gente. E a gente começa a cantar, cantar, cantar, quando dá fé, tem feito uma música.

Larissa – E a senhora as deixa gravadas na memória?

Pequena – Na memória, tudo na minha mente. Eu tenho um computador na minha cabeça (*risos*).

Lucas – O que a senhora pensa de declarações de pessoas que afirmam não ser mais indígena quem utiliza serviços tidos como não-indígenas, como eletrodomésticos ou, até mesmo, roupas?

Pequena – Eu não considero dessa forma. Foi índio? É índio por toda a vida. Até fora (*das aldeias*), ele é índio. É índio na aldeia e fora da aldeia. Ele não pode tirar quem ele é por estar trabalhando em Fortaleza. Ele não pode tirar essa origem dele, que ele é essa pessoa.

Lucas – Como é ser indígena em uma sociedade como a de hoje, onde o poder governamental não está nas mãos dos índios, onde muitos serviços básicos precisam ser negociados por vocês (*indígenas*) com

**“Por que nós
vivíamos
guardadinhos, não
abria a boca pra
dizer que era índio?
Nós tínhamos medo
do massacre que
tinha havido 500
anos atrás.”**

O quebra-gelo desta pré-entrevista foi Bárbara Rocha e o livro *Mulheres da Encantada*. Pequena demonstrou ter muito carinho para com Bárbara, tendo perguntado por que “ela a abandonara”. Bárbara não mais a visitou por ter ido morar em São Paulo.

essas pessoas de cultura e mentalidade diferentes?

Pequena – Antes, a gente tinha um contato (com não-índios) muito difícil – muito difícil mesmo. Mas, hoje, nós estamos entendendo que nós também temos de ter contato com a sociedade “branca” (não-índia) e fazermos com que eles entendam que nós precisamos ter os mesmos direitos deles, como pessoas políticas. Porque eu posso dizer que eu sou uma política – uma política indígena, desde 1995 (quando Pequena tornou-se cacique). Porque tem de ter “cabeça” pra estar com vereador, com deputado, com ministro, com prefeito, com senador...

E nós somos um povo que vivemos na política 24 horas. Não digo todos os índios

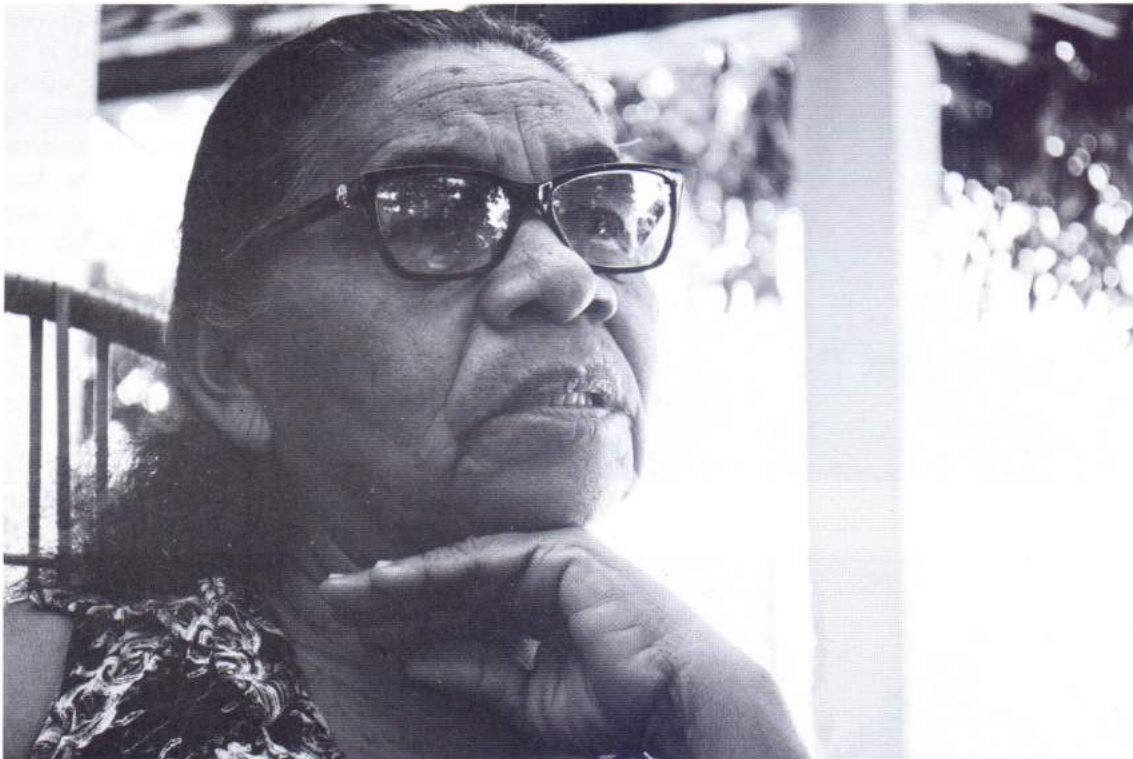
“Cacique, a gente vai fazer isso, vai fazer aquilo, você nos ajuda, você arruma votos na aldeia para nós”. E, às vezes, eu caio nessa *camisada* de arrumar votos pra eles. No fim das contas, o resultado não é nada. Porque eu não trabalho arrumando voto pra vereador, pra prefeito por dinheiro.

Eu trabalho dessa forma: “Ó, eu vou trabalhar pra você, tenho todo o gosto de trabalhar pra você. Mas, depois, se você se eleger, mande a nossa recompensa, o que nós precisamos”. Porque, dentro da nossa aldeia, nós não precisamos só de pão e água: precisamos de muito mais.

Messias – E algum político já cumpriu promessas que fez?

Pequena – Não. Até agora, não.

Estava no momento da feitura da pré-entrevista, João, filho de Pequena. Ele acompanhou quase toda a conversa, completando, quando necessário, o raciocínio da mãe — algo que Pequena esquecia ou mesmo perguntava a ele.



– porque há mundo índio que não entende esse lado –, mas, pelo menos, as lideranças. Eu, como cacique, tenho de ser uma prefeita. “Arrancar” lá de fora pra aqui. Que é pra eu ver esses meus índios trabalhando aqui dentro, “ganhando o pão” deles aqui dentro. E foi o que eu fiz.

Mas (é preciso) você trabalhar com cuidado, pra não ser enganado nem ser engolido pela política não-índia. Porque o político não-índio é uma coisa; nós, índios, somos outra.

Giulianne – A senhora já foi enganada por políticos não-índios?

Pequena – Mais ou menos. Porque eles prometem mundos e fundos, mas não fazem. Eles vêm aqui na reserva indígena (e dizem):

Lucas – Quais promessas, especificamente?

Pequena – Quando a gente trabalha pra eles (políticos), pedimos a eles ajuda para que a comunidade trabalhe dentro da própria comunidade, sem precisar sair para as cidades grandes. E eles prometem, mas não cumprem a palavra.

Letícia – Pequena, por causa dessa luta política, em 1995, você foi eleita cacique – mesmo que, como dito antes da entrevista, tivesse sido “o mesmo que ter posto uma faca no pescoço”, por você não ter querido assumir o cargo. Mas, depois, você tomou gosto pela função? Qual é o lado bom e qual é o lado ruim de ser cacique?

Pequena – Eu não pretendia (ser cacique) porque eu era apenas uma simples mãe de

Mas também várias outras pessoas da comunidade, parentes ou não, falaram com Pequena durante a pré-entrevista, seja uma bênção ou comunicando-a de um ocorrido. Nisso, deu para perceber o quão matriarca é Pequena na comunidade.

Na pré-entrevista, Pequena disse não ter problemas com nenhum assunto a ser abordado na entrevista derradeira. Só pediu que não se usasse "palavrado técnico", alegando ser uma pessoa simples, sem "letra", isso é, estudo formal.



A conversa na pré-entrevista durou, aproximadamente, 1h40min. Nada perto dos "oito dias necessários", segundo João, para que se fosse feito um aprofundamento na história de vida de Pequena.

família. Eu não tinha vocação pra isso. Até porque a pessoa que era o cacique (Odorico), antes de morrer, não me deu nenhuma instrução. Quando você não pega nenhuma instrução de ninguém, fica difícil de fazer as coisas. E era o que eu pensava: "O que é que eu vou fazer, sem ter nenhum conhecimento de nada?" Eu era apenas uma mãe de família. Eu vivia na minha simples casa com o meu esposo e meus filhos.

Quando ele tombou (morreu), ficou difícil pra mim, (porque) o povo queria que eu fosse uma coisa que eu não planejava. Apesar de, desde a época de 1984, eu ter sido uma guerreira pra eles (indígenas Jenipapo-Kanindê) – já que, mesmo sendo cacique, Odorico não se opunha que eu sáísse à procura da defesa da terra, da lagoa, deles aqui (indígenas Jenipapo-Kanindê)... Toda vida eu fui uma pessoa que tive espírito pra isso. Eu não nego pra vocês: eu saía "só com a cara e a coragem": eu saía de casa cinco horas da manhã, com uma companheira que não é índia (Zuleide, amiga de Pequena) pra Pastoral Indigenista e só chegava dez, 11 horas da noite – a minha vida foi essa durante 11 anos. Nós ajuntávamos os bilhetes de ônibus, das passagens, para que, quando completasse um mês, a gente repassar para uma instituição que tinha, onde eles repunham o dinheiro para nós, pra nós podermos merendar. Porque nós não tínhamos condição de estar, todo dia, em Fortaleza, mas, todo dia, tínhamos de ir, porque estávamos trabalhando por esse povo (Jenipapo-Kanindê), por essa terra, por essa lagoa (da Encantada).

Quando o cacique Odorico fechou os olhos, as coisas dificultaram pra mim, porque, mesmo eu saindo (da aldeia, em busca de direitos para a comunidade), mas ele tava dentro da aldeia (comandando-a), né? Quando chegou em 1995, que me puseram para ser cacique, eu estranhei, porque a Funai (Fundação Nacional do Índio, órgão estatal em prol dos direitos indígenas) veio aqui, fazer o estudo para delimitação da nossa terra, e disse: "A partir de hoje, você vai 'andar com os próprios pés e enxergar com os próprios olhos'". O que ela quis dizer? É como se fosse uma piada, porque durante 11 anos eu andei com uma branca (Zuleide). A Funai achou que essa moça que andou comigo por 11 anos era uma "vara de bastão" pra mim e eu precisava "andar com os próprios pés e enxergar com os próprios olhos". Aí, o bicho pegou pra mim.

Giulianne – Por que a Zuleide resolveu ajudar a senhora?

Pequena – Lá em 84, 85, eu soube que ia ter despejo, por conta de especulação,



Após o fim da pré-entrevista, combinadas data e horário (às 14h30min do dia 28 de maio) da entrevista, Pequena só alertou que poderia esquecer-se dela e pediu para que fosse feito lembrete, dias antes.

de imobiliárias... E os anciãos ficaram todos aperreados (*gíria equivalente a atormentados*). (Diziam:) "Nós vamos pra onde?" Eu procurei Zuleide, para pedir ajuda a ela – já que aqui não tinha emissoras de rádio, de televisão, não tinha nada – e ela disse: "Pequena, não se preocupe, que eu vou lhe ajudar. Meu pai tem terra dentro da (*região da Lagoa da*) Encantada, mas eu prefiro perdê-la pra vocês a perder pra outra pessoa". Aí, nós nos reunimos, os índios daqui e ela, e fizemos a Associação Comunitária de Trairussu, Encantada e Tapuio.

Beatriz – Desde que a senhora se tornou cacique, quais foram as grandes conquistas que a senhora tem para contar?

Pequena – Vixe, eu já tive tanta conquista (*ri*)... A primeira conquista foi a delimitação da área indígena (*Jenipapo-Kanindê*). Porque eu fui a Brasília, em 1995, só com a cara e a coragem, e, em uma plenária, eu pedi a palavra e falei para o presidente da Funai que queria que ele mandasse o povo dele fazer um estudo na área que nós tínhamos pra nós ficar sabendo que tínhamos terra pra morar e nós éramos índios.

Passou 1995, 1996, 1997... Quando chegou 1998, tiveram aqui antropólogos, sociólogos, historiadores, Inkra (*Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária*), DAS (*Departamento de Assistência Social, o órgão da Secretaria do Trabalho e do Desenvolvimento Social*)... Uma equipe de cinco pessoas fez o estudo da terra e dos índios para que fosse delimitada a área (*da tribo Jenipapo-Kanindê*). Quando terminaram

de estudar a *área de chão*, disseram: "Cacique, vocês aqui não têm pra onde ir; o canto de vocês é aqui, porque vocês são índios verdadeiros. Tanto vocês são índios, quanto a terra de vocês é tradicional indígena". Eu não tenho nem palavras pra dizer o quanto eu agradeço a essa equipe ter vindo aqui fazer esse estudo e saber que nós somos esse povo que vive aqui e temos a nossa terra tradicional pra morar e trabalhar. Isso é tudo na nossa vida. Porque é como eu disse pra vocês: o índio sem terra não é nada.

Lucas – Pequena, antes mesmo de a senhora ser cacique, já despontava como essa liderança, na década de 1980

"Mas não é porque vivemos iguais a vocês que nós vamos dizer que não somos mais índios. Não podemos perder a nossa tradição."

Na volta para Fortaleza, Ronaldo e Lucas depararam com outra dificuldade: o pôr-do-sol. Ronaldo teria de guiar o carro até a estrada da Praia do Iguape com o sol batendo na vista. Em certos momentos, era preciso parar o carro para saber aonde ir.

Com tal problema, somado à má qualidade da via, Ronaldo alertou ser preciso sair do Centro de Humanidade II, da Universidade Federal do Ceará (UFC) bem cedo: às 13h30min, no máximo. Era preciso evitar a luz do pôr-do-sol e a escuridão da noite.



– por mais que seja informal, já que havia outro cacique. Eu gostaria que a senhora narrasse como foi esse processo de virar uma liderança, mesmo sem ter tido esse objetivo em mente.

Pequena – Porque o antigo cacique não saía da aldeia para ir a Fortaleza resolver nada nos órgãos públicos. E eu era essa pessoa que saía, com essa grande amiga (*Zuleide*), como acabei de falar, *pra* falarmos nesses órgãos públicos em defesa do povo Jenipapo-Kanindé. Você tá considerando liderança, mas eu não era uma liderança (*formal*). Eu trabalhava pela defesa do povo Jenipapo-Kanindé. Porque eu sabia que eles mereciam ter essa defesa. Porque eles eram um pessoal que não tinha *letra* (*estudos formais*) – como eu também não tenho; eu tenho essa grande sabedoria, mas *letra* eu não tenho. E eu queria vê-los no cantinho deles, sem ser preciso eles sair *pra* canto nenhum. Que aqui eles convivessem e os anos de vida fossem terminados aqui na aldeia. A gente já tinha sido tão massacrada no passado – como meus pais me contavam –, não queria que no presente eles fossem massacrados.

Felipe – Como cacique, a senhora acha importante manter contato com outras populações indígenas do Ceará? A senhora tenta manter contato com elas?

Pequena – Sim, eu mantenho contato com todos (*os povos indígenas do Ceará*): Tapeba, Pitaguary, Tremembé... (*Pequena relaciona uma série de comunidades indígenas e regiões no Ceará onde existem tribos*).

Messias – E que outras formas as tribos do Ceará encontram para se relacionar, além

das assembleias? Há alguma festa especial?

Pequena – Tem. Quando tem os festivais deles, eles mandam nos chamar. Nós só não vamos se não pudermos ir, só não vamos se não tiver transporte pra ir nos deixar.

Messias – E o que é discutido nessas assembleias e nesses encontros?

Pequena – A gente discute tudo. Aí, sim, é uma política de verdade, que não deixa a desejar a nada. Você discute saúde, educação, terra (*indígena*). A forma como corre, hoje, a educação no Ceará é muito discutida. A forma que corre a saúde também é discutida. Tudo a gente discute nos três dias que são (*as assembleias*): cada um para uma coisa. Se é (*para ser discutida naquele dia*) a terra, a gente discute um dia todinho: (*sobre*) reconhecimento, delimitação, demarcação, homologação, desintrusão, registro (*etapas burocráticas para consolidação por parte do Estado das terras indígenas*)... Começa de reconhecimento: porque há índios que ainda não são reconhecidos no Ceará.

Aí, tem deputado no meio (*da discussão nas assembleias*), procurador (*da República*), até prefeito – às vezes –, se encontram, discutindo com os índios o que os índios estão querendo, o que não estão querendo. Quem tem “voz pra falar” é a hora de a pessoa botar tudo pra fora: todo o sofrimento, toda a sua história.

Giulianne – Foram nesses espaços que a senhora conseguiu a escola e demais serviços?

Pequena – Isso, minha filha. É verdade. Eu comecei (*a lutar*) pela escola em 1999. A Seduc (*Secretaria Estadual da Educação*

Os alunos teriam de programar-se nos respectivos estágios para saírem em um horário possível de se chegar à UFC até as 13h30min. O horário comum para início das aulas é às 14 horas — e, mesmo assim, atrasos são constantes.

do Ceará) veio aqui, fizemos reunião com essas pessoas, e eu cobrei da Seduc, pois precisávamos de escola – porque eu não queria que as crianças fossem criadas como eu fui criada – vocês já ouviram toda a história da minha *infância*.

Então, a educação entrou aqui em 1999 e a saúde também. Mas isso não foi fácil: eu trabalhei uns três anos. Teve de reunir todos os jovens, de 16 anos *pra* frente, *pra* eles entrarem “no barco”. Arrumei 16 jovens, e fomos a um Cetrex (*Centro de Ensino e Treinamento em Extensão*) em Caucaia (*município da Região Metropolitana de Fortaleza*), por três anos, (*lutando*) tanto pela parte da educação, quanto pela parte da saúde. Íamos para lá para trazeremos Aisan (*Agente Indígena de Saneamento*) e agente da saúde *pra* aqui (*aldeia Jenipapo-Kanindé*).

Quando arranjei a escola *pra* cá, vieram quatro professores brancos para ensinar os curumins (*crianças e adolescentes*). Depois, fiquei batendo em cima – água mole em pedra dura, tanto bate até que fura – para vir escola indígena. Saía daqui de manhã, ia pra Seduc (*em Fortaleza*), passava o dia badalando,

badalando, badalando... Eles (*na Seduc*) tinham de entender a minha língua. “Eu quero a escola Jenipapo-Kanindé, porque todo mundo (*todas as tribos*) tá ganhando escola e, lá, também precisa” (*Pequena dizia*). Eles diziam: “Não, a senhora não precisa de escola porque lá tem um grupo escolar”. (*Pequena respondia*:) “Não, mas eu quero uma escola nova”. Até que eles se aborreceram comigo e (*decidiram*:) “Vamos fazer a escola dessa mulher abusada e chata (*ri*) que só vem fazer zoada (*expressão equivalente a barulho*) na nossa cabeça”. Trabalhei e, em 2000, saíram os professores *brancos* e chegaram quatro professores índios.

Giulianne – Por que a senhora achava tão importante colocar indígenas como professores nessa escola?

Pequena – Por quê? E você ainda pergunta por quê? Eu queria uma escola indígena, com índios sendo professores, para ensinar a cultura que temos. Porque os *brancos* vinham ensinar só o convencional, mas não ensinava a nossa cultura. E os professores índios ensinam os dois – o ensino convencional e a cultura indígena. Só do 9º *pra* frente é que eles (*estudantes*)

Não houve problemas nos estágios para tal liberação mais cedo. Porém, Igor teve dificuldade de encontrar vaga para estacionar o carro dele nos arredores da UFC, o que fez com que houvesse atraso de alguns minutos no horário combinado.

“Então, não tem dinheiro no mundo que pague a nossa saúde. É melhor ser pobre e humilde, mas ter saúde, do que viver doente e ser rico demais.”



Outro problema de logística seria o transporte para ir até a Lagoa da Encantada. Em outras entrevistas, havia-se ido em três carros disponíveis na equipe de *Entrevista*: o de Giulianne, o de Igor e o de Ronaldo.

Porém, Giulianne havia quebrado o pé e não poderia dirigir o próprio carro. Tentou-se, então, arranjar uma van com a universidade. Porém, não foi possível, o pedido foi negado.

saem *pro* (ensino) convencional lá fora.

Mas a primeira conquista da aldeia foi a delimitação da *área de chão*: 1.731 hectares para os índios Jenipapo-Kanindé aqui, na Lagoa da Encantada. Por isso tem (foi instituído em 1999) o (festival) Marco-Vivo, (que ocorre) todos os anos.

E, depois da terra, foram (conquistadas) energia elétrica e água encanada, em 2000. Em 2005, veio o posto de saúde. Até então, desde 2000, tínhamos o Aisan e (visitas de) agentes de saúde. Foram quatro anos juntando recursos para a construção do posto de saúde. Todo o mês tinha reunião com a Secretaria de Saúde, que dizia: "Cacique, tenha calma que a gente tá arrumando recursos". Veio recurso federal e foi possível construir o posto. Em 2006, veio a dentista. Hoje, nós somos um povo – posso dizer – privilegiado por termos uma equipe completa no posto de saúde.

Isso fora outros projetos pequenos que abrangeram a comunidade, feitos de 2000 a 2005. (Há na aldeia Jenipapo-Kanindé) Casa-de-farinha, pousada (destinado a hospedagem para turismo ecológico), museu (da tribo Jenipapo-Kanindé) e Cras (Centro de Referência de Assistência Social).

Isso (foi resultado de) força de vontade desta mulher que está aqui na presença de vocês. Essa mulher deu para esse lugar o que muitos tinham vontade de dar, mas não puderam – mesmo tendo *letra na cabeça e na mão*. Mesmo sem *letra*, fazendo das tripas coração, eu mostrei pros índios Jenipapo-Kanindé e *pro* mundo que eu não tinha pegado esse cargo *pra* viver sentada numa cadeira ou deitada numa rede. Eu tinha pegado o cargo *pra* dar conta do recado – e essa conta do recado eu já dei. Eu dei o sangue, a vida, para fazer com que os índios, hoje, se encontrem com conforto, com o que precisavam e nunca tinham tido. O que o cacique anterior não fez, essa mulher aqui faz – e agradece a Deus.

“Tudo que é ruim bota em cima dos índios. E, muito pelo contrário: nós somos muito ricos. Ricos em sabedoria.”

A solução foi alugar uma van. Ronaldo conhecia no bairro onde mora quem disponibilizava tal serviço. E, assim, alugou-se uma van para transportar os nove entrevistados, Ronaldo e a fotógrafa Liana Dodt.

E ainda tenho vontade de fazer mais: eu não tô satisfeita. Eu quero arrastar aqui pra dentro uma minifábrica de polpa de fruta e uma cooperativa de (fabricação de) roupas pras índias trabalharem – e daqui de dentro elas “ganhare[m] o pão”. Ainda tenho vontade, se o Pai-Tupã não me arrebat[ar], eu, com toda essa minha idade de 70 anos, ainda vou fazer com que chegue tudo isso aqui.

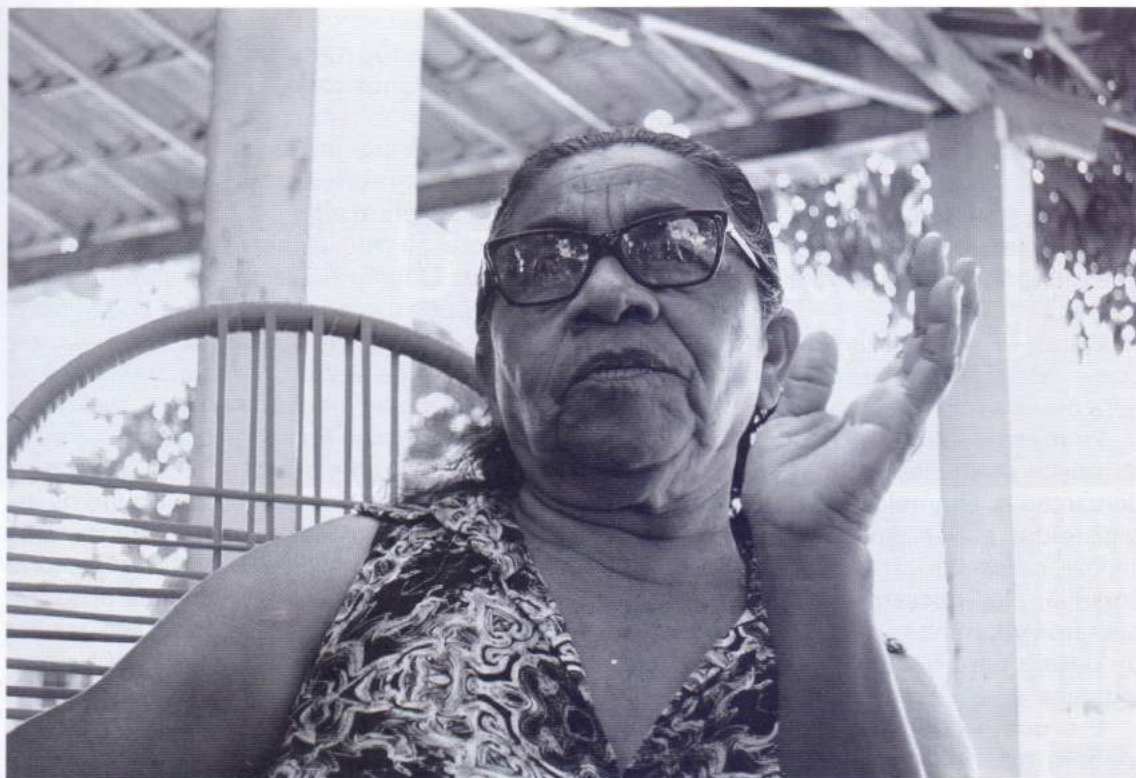
Felipe – Pequena, a senhora acha que ter um índio eleito a um cargo de vereador ou deputado, por exemplo, ajudaria a trazer mais conquistas? E já pensou em entrar na política, além de cacique, como vereadora?

Pequena – Em 2000, teve dois índios (da aldeia) que foram candidatos a vereador (de Aquiraz), só não foram eleitos. Um foi o meu filho, o Antônio, que tirou cerca de 130 votos; o outro foi um rapaz que foi meu “vice” quando eu fui (nomeada) cacique: ele tirou, se não me engano, 13 votos. E, agora (para as próximas eleições municipais, em 2016), eles vão se candidatar novamente para vereador.

Mas o que eu quero dizer pra vocês é: ser vereador, ou ser deputado, ou ser prefeito é uma coisa boa. Mas há outro lado: eu, como posso dizer que sou desde 1984 uma política indígena, digo que, para um índio ser um vereador, ele vai pegar as mesmas artimanhas do prefeito e do vereador não-índio. “Uma andorinha só não faz verão”. Um só vereador índio não faz verão. Faz uma lei ou um projeto... Se aquela lei for *pra* defender o índio, tudo bem. Mas, se for uma lei que venha não *pra* defender o índio – mas *pra* destruir o índio – o vereador índio ou entra na artimanha, *pra* ser a favor deles; ou sai fora. Eles (políticos não-índios) não aceitam que aquele índio esteja sendo contra eles. (Diriam os políticos não-índios:) “Como é que você tá aqui como vereador e, em vez de ser a favor de nós, é contra nós”? O vereador índio acaba fazendo o que os outros querem, não o que ele quer. Quando é uma bancada de vereador indígena – ah, meu amor! – são outros quinhentos. Mas um só? Não, meu filho, eu não acredito.

Leticia – Há algum lado ruim em ser cacique?

Pequena – Não, nunca achei. Foi ruim quando eu fui discriminada por ser mulher – não aqui, na aldeia, mas lá fora, em Minas Gerais, Brasília... Mais em Minas Gerais! Lá (em Minas, durante encontro de comunidades indígenas) é que eu fui discriminada pelos índios da Amazônia, dos índios do Sul... *Pra* vocês verem como era difícil: eu fui nomeada como cacique no dia seis de março de 1995. No dia 12 de março, eu viajei *pra* Brasília e *pra* Belo Horizonte. Com seis dias



A opção pelo fretamento da van, no fim das contas, foi considerada mais vantajosa: além de não terem de enfrentar as dificuldades na direção impostas pelas estradas de Aquiraz, os estudantes economizaram gastos — que também foram descentralizados.

de cacique, o que eu sabia, se eu nunca tinha tido nenhuma orientação do cacique que morreu? Viajei com a cara e a coragem, sem ninguém comigo, só Deus, Jesus e Maria Santíssima na frente. Lá (*Minas*) eu me senti embaixo, me senti no chão! É muito difícil ser discriminada!

Beatriz – Cacique, a senhora, em vários momentos, foi desafiada, mas foi seguindo, seguindo, seguindo, como a senhora mesma diz, com “a cara e a coragem”. De onde vem essa força?

Pequena – Do alto. Da espiritualidade. De Deus.

Lucas – Antes da entrevista, a senhora reclamou do fim do atendimento por parte da Funasa (*Fundação Nacional de Saúde*) e do atual feito pela Sesai (*Secretaria Especial de Saúde Indígena*). Além desse, quais outros erros a senhora acredita terem sido feitos na política indígena nos últimos anos?

Pequena – Eu tinha *pra mim* – mas não está no nosso poder, tá no poder dos políticos – que a nossa terra, como foi delimitada em 1999, quando fosse, por volta de 2000 ou 2001, ela seria declarada. E, entre 2002 e 2004, a terra fosse homologada. Em 2008 ou 2009, 2010 ela fosse registrada. Eu achava que, a cada dois anos, fossem fazendo esse tipo de coisa (*as terras Jenipapo-Kanindé fossem passando por cada processo de oficialização estatal*). Mas não é assim. A terra foi delimitada em 1999 e só em 2004 foi feito o reconhecimento. Agora, em 2011 – vejam quantos anos de 2004 a



Os emaranhados que se precisa enfrentar para chegar à Lagoa da Encantada assustaram aqueles que iam ao lugar pela primeira vez. “Será que conseguiremos voltar”, foi o tema da conversa na van durante o caminho.

Mas não houve problemas para chegar ou ir embora: a chuva que havia caído na manhã foi pouca, então, as poças formadas não foram grandes obstáculos. Por volta das 15 horas, a equipe começaria a entrevista — da qual Pequena bem havia, sim, lembrado.

2011! – ela foi demarcada. Quatro anos depois e ainda não avançou nenhuma outra etapa. Botaram o pé em cima e ali ficou. Eu achava que fosse fácil, mas não é tão fácil assim. Essa lentidão é que vem fazendo a pessoa se desestimular. Mas é preciso que a pessoa tenha coragem e fé para conseguir o objetivo. E a fé em Deus que tenho que me fez acreditar que vou alcançar esse objetivo.

Lucas – Para finalizar: qual a expectativa que a senhora tem para os povos indígenas para esses próximos anos?

Pequena – Minha expectativa é de que os povos indígenas tenham as terras deles demarcadas, homologadas, desintrusadas, registradas e eles tenham confiança em alcançar essas bênçãos de Deus, para que, amanhã, eles possam viver livres como os pássaros voam nos ares. Esse é o meu grande desejo para o Ceará e onde tiver aldeia indígena.

É o que eu peço ao Pai-Tupã: que eles tenham a terra reconhecida para que, no dia de amanhã, eles também possam dizer: “Temos terra para trabalhar, viver e morar”. Porque, se uns têm a terra reconhecida, outros não têm. Então, eu sempre peço (*bênçãos de um modo geral*), não só para nós Jenipapo-Kanindé, mas para todos. E os governos venham a entender o que é o índio, que não queiram destruir os índios. Que mesmo os empresários entendam-nos. Que o “povo grande” que vive no poder entenda que nós somos gente, que precisamos ter

uma vida como eles têm, que precisamos ser respeitados, que o índio não seja mais aquele, de anos atrás, que vivia escondido nas tocas: nós temos como ser alguém na vida, principalmente os jovens. Esses jovens desejam ser professores, procuradores, vereadores, serem algo na vida.

Agora eu vou cantar a minha música – gravem: *O índio é natureza/O índio é água-viva/O índio é natureza/O índio é água-viva/O índio, ele existe/Ele é de resistir/O índio, ele existe/Ele é de resistir/Na mata, trabalha o índio/Ele trabalha no chão/Na mata, trabalha o índio/Ele trabalha no chão/Na santa terra trabalha/Pra ele tirar o seu pão/Na santa terra trabalha/Pra ele tirar o seu pão/Os índios estando juntos/Por suas terras, lutar/Os índios estando juntos/Por suas terras, lutar/Sua terra demarcada e também homologada/Sua terra demarcada e também desintrusada/Sua terra demarcada e também registrada/Não podemos aceitar esse tipo destruidor/Não podemos aceitar esse tipo destruidor/Que veio pra destruir o nosso grande tesouro/Que veio pra destruir o nosso grande tesouro/O nosso grande tesouro é a nossa Santa Mãe-Terra/O nosso grande tesouro é a nossa Santa Mãe-Terra/É nela que nós convive/É dela que nós precisa/É nela que nós convive/É dela que nós precisa/É dela que nós precisa, sem ela não somos nada/É dela que nós precisa, sem ela não somos nada/Somos que nem peixinhos nadando fora da água/Somos que nem peixinhos nadando fora da água.*



A canção de Pequena pode ser apreciada em voz e imagem no Youtube: <https://youtu.be/Ogg-Cqovnmml>